

O DESPERTAR DE UMA SENSIBILIDADE SOLIDÁRIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA SOLIDÁRIA: ANÁLISE A PARTIR DO CONTEXTO DA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS (IESOL/UEPG)*

GT 7: Economia Solidária e Sustentabilidades

Tipo de trabalho: 1 – Resultado de Pesquisa

MIRANDA, Everton¹

ROSA, Hallison Fernando²

NEVES, Jessica Gislaine das³

CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves⁴

SILVA, Marcia Alves Soares da⁵

Resumo: a Economia Solidária (ECOSOL) é mais do que uma alternativa econômica, mas é principalmente uma proposta de forma de vida pautada nos valores humanos, como: o trabalho justo, a sustentabilidade, a qualidade de vida, a cooperação, a solidariedade, entre outros. Neste sentido, as práticas da Economia Solidária buscam ser arraigadas nos princípios da mesma e podem ser motivadoras para a construção de uma cultura solidária, a partir do despertar de uma sensibilidade solidária. Desta forma, a presente pesquisa buscou compreender, a partir de um questionário online, quais as concepções dos integrantes de diversas áreas de formação da Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Ponta Grossa (IESol/UEPG) sobre cultura, cultura solidária e se há ou não a construção de uma cultura da solidariedade no espaço social da Incubadora, bem como nos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) que a IESol atua.

Palavras-chave: Economia Solidária; cultura solidária; IESol

Introdução

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG; voluntário na IESol; miranda13em@gmail.com

² Graduando em Licenciatura em Geografia na UEPG; Extensionista bolsista na IESol; hallison.fernando@gmail.com

³ Graduanda em Bacharelado em Geografia na UEPG; Extensionista bolsista na IESol; jegislaineneves@gmail.com

⁴ Prof. Dr. do Departamento de Geociências (UEPG); Coordenador de Projeto Petrobras e Proninc (IESol - UEPG); llagc2@yahoo.com.br

⁵ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG; Técnica em Economia Solidária na IESol; marcia.alves.geo@gmail.com

* Pesquisa/extensão financiada com recursos do Projeto MCTI-SECIS/MTE-SENAES/CNPq

A discussão sobre cultura solidária ainda é incipiente, especialmente dentro do movimento da Economia Solidária (ECOSOL). É notável que a construção de uma cultura solidária mostra-se como um desafio, mesmo que esteja presente no cotidiano dos envolvidos no movimento da ECOSOL, a partir de suas vivências e experiências. Ao pensar a cultura solidária e a economia solidária temos que ter a noção que ambas estão em contínuo processo de construção e nascem da reflexão das pessoas. Portanto “a força da economia e da cultura solidárias repousa no fato de que cada um precisa estar interiormente convencido de que é ali, daquele jeito, daquela forma que a pessoa sente que a sua vida tem sentido” (OLIVEIRA, 2005, p. 37).

Este trabalho irá apresentar, com base em um questionário aplicado na Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESol - UEPG), a percepção dos participantes da Incubadora acerca da temática “cultura” e “economia solidária”. Dadas as respostas, a importância da compreensão e debate destes resultados mostra-se necessária à medida que faltam pesquisas e relatos suficientes que abordem a temática de cultura solidária no âmbito educacional e demonstrem o significado real deste estudo que é passível de confusões devido aos conceitos de “cultura” serem relacionados aos de “cultura solidária”, conforme analisado no questionário.

A partir da contribuição da hermenêutica e da análise do discurso, podemos trabalhar com as linguagens dos sujeitos que expressam suas práticas, vivências e experiências, pois suas falas são práticas sociais, isto é, expressam seu mundo vivido.

Consideremos a cultura solidária como expressão concreta da solidariedade entre os membros, isto é, uma consciência comum (tanto no sentido individual quanto no coletivo); legitima uma posição de resistência e assinala um caminho possível, construído a partir de práticas desenvolvidas em comum, estimulando o respeito do “eu” com o “outro”.

Compreendendo a noção de solidariedade e cultura solidária

Dentro do movimento da Economia Solidária muito se fala sobre a solidariedade. Tal tema é um desafio a ser trabalhado, não só nos EES ou na gestão pública, mas também nas Incubadoras, parte importante no avanço e consolidação do movimento no Brasil.

Compreendemos que a solidariedade, em todas as esferas de seu entendimento parte do pressuposto de despertar a sensibilidade e o desejo das pessoas de incorporar tal questão em suas vidas cotidianas. Neste sentido, percebemos que a *sensibilidade solidária* é elemento fundamental na construção do que chamamos de *cultura solidária*. No entanto, a construção

de uma cultura solidária deve partir da idéia de que a solidariedade é significativa interdependência na vida social. É partir do respeito às diferenças e interesse pelos problemas da coletividade é que a construção de uma cultura solidária pode ser possível.

A solidariedade pode ser compreendida do ponto de vista descritivo (interdependência) ou normativo (ética), sendo que a partir do conhecimento da interdependência e coesão social é possível conduzir a atitudes solidárias, embora seja necessário reconhecer os desejos e interesses dos envolvidos (ASSMANN e SUNG, 2000).

Os dois sentidos da solidariedade (descritivo e normativo) “estão interligados na medida em que a solidariedade como atitude, ou a solidariedade como uma questão ética, nasce do reconhecimento de que a solidariedade/interdependência é um fato, uma necessidade para a vida da e na sociedade”(ASSMANN e SUNG, 2000, p. 75).

Para os autores, é a falta de (re)conhecimento e reflexão da interdependência ao qual estamos submetidos todos os dias que dificulta o despertar para a sensibilidade solidária. Nesta perspectiva, o fato é que não compreendemos a dimensão da nossa interdependência. Não somos seres independentes ou autônomos, sendo necessário incorporar a necessidade do outro com parte do nosso cotidiano, isto é, a sensibilidade solidária é também sensibilidade social.

O processo de reflexão e (re)conhecimento sobre esta discussão enfrenta ainda outro desafio: a cultura fragmentada que estamos submetidos, que por vezes não valoriza a dimensão das partes para compreender o todo. A cultura é notavelmente fragmentada, visto que dependendo da cultura a qual estamos inseridos, algumas coisas nos são importantes, ao contrário de outras, que não nos interessa. Enxergamos apenas parte da realidade, àquilo que queremos enxergar.

Se essa idéia tem um fundo de verdade, podemos deduzir que a nossa cultura - com sua visão fragmentada da realidade, com um individualismo exacerbado, incentivo unilateral à concorrência, diminuição da importância da identidade nacional e do compromisso com a construção de um mundo melhor, entre outras características -, dificulta o conhecimento e o reconhecimento da importância da interdependência e da coesão social (ASSMANN e SUNG, 2000, p. 79).

A visão fragmentária e mecanicista do mundo, que afeta a construção da nossa cultura, em parte é resultado dos processos educativos e de aprendizagem que estão submetidos. Além disso, a cultura capitalista que valoriza o individualismo não desperta em nós o sentimento de responsabilidade pelos problemas dos outros, muito menos pela resolução destes problemas.

Uma característica importante da cultura dominante é que ela se apresenta como *a* cultura. O mundo organizado e interpretado por essa cultura é visto como *a* realidade. Esta característica de se apresentar como *a* realidade dá certezas inabaláveis para pessoas que vivem dentro e segundo essa cultura. Esse modo de viver baseado nas certezas é concomitante ao modo de conhecer que se crê capaz de conhecer com certezas. Quem tem essas certezas não é capaz de se abrir ao novo que foge, que está além, das rotulações e das funções e explicações do sistema vigente. Torna-se intolerante com o diferente, com pensamentos e pessoas que ameaçam essas certezas” (ASSMANN e SUNG, 2000, p. 96).

O despertar da sensibilidade solidária parte da abertura que damos para ouvir e conhecer outras histórias de vida e que podem romper com esquematismos preconcebidos. É partir desta abertura que somos capazes de tentar entender as experiências e vidas destas pessoas a partir do mundo e histórias delas, isto é, compreendemos o outro não a partir de fora, mas a partir da vida deles mesmos. A solidariedade, portanto, é um sentimento de identificação com o outro, que pode chegar a ponto de fundir subjetivamente “num só” pessoas e agrupamentos interligados por ela. É um sentimento que motiva comportamentos solidários, ou seja, ações de ajuda e apoio recíprocas, onde a solidariedade-sentimento origina a solidariedade-ação e é esta última que tem significado político, social e econômico.(ASSMANN e SUNG, 2000; SINGER, 2003)

A proximidade permite o desenvolvimento de laços de confiança, que possibilitam e induzem ações de ajuda mútua e estas por sua vez reforçam os laços de confiança. A confiança frequentemente é pré-requisito para que laços de solidariedade se desenvolvam e a prática da solidariedade tende a reforçar a confiança recíproca entre os que a prestam e os que a recebem (SINGER, 2003).

Oliveira (2006) acredita que passividade não constrói cultura solidária, o que reforça a ideia de que cultura é uma construção social, que exige participação, envolvimento e cooperação das pessoas, bem como identificação com aquilo que está sendo construído, o que sustenta a noção de identidade. Além disso, é relevante que as ações e acordos sejam coletivos, sendo que as “cooperativas só conseguem atuar enquanto tal quando seus componentes logram traduzir na prática uma vida desenhada em comum” (OLIVEIRA, 2006, p. 21).

Na visão de Seron (2008) pensa que o desenvolvimento de uma cultura pressupõe a existência de um coletivo, que constitui suas regras, normas, crenças e valores próprios. Para o autor, as pessoas “tendem a se guiarem pelo coletivo” onde o desenvolvimento de uma postura individual específica depende da participação da pessoa num contexto cujo pensamento predominante reflete uma cultura na qual ela acredita. Ou seja, o coletivo

funciona como uma âncora, no qual as pessoas se identificam e constroem suas relações de identidade, pertencimento, sendo que a força do grupo está na sua coesão,. Assim, o desenvolvimento de uma cultura solidária implica numa mudança de cultura, isto é, é preciso abandonar uma série de valores, crenças e atitudes, para inserir outros (SERON, 2008).

Em suma, esta inquietação estimulou reflexão sobre a construção de uma cultura solidária na IESol. Para tanto, acreditamos ser pertinente, a partir das falas, vivências e experiências dos membros da Incubadora, identificar o que compreendem sobre a temática, cujo resultado será apresentado a seguir.

Discussão sobre cultura solidária a partir do contexto da Incubadora de Empreendimentos Solidários – (IESol –UEPG)

A partir do contexto dentro da IESol, começamos a indagar de que maneira cultura solidária vêm sendo construída e vivenciada na Incubadora. Para tanto, aplicamos durante o mês de maio de 2015, um questionário online para os professores, técnicos, estagiários e voluntários da Incubadora, com indagações sobre cultura, solidariedade e cultura solidária.

Vale destacar que a discussão sobre cultura solidária é restrita e incipiente, com poucas bibliografias exclusivas sobre a temática. Neste sentido é que mostra a relevância de tal abordagem, especialmente pelas informações qualitativas que obtivemos a partir dos questionários, que nos ofereceram muitas perspectivas sobre o tema, principalmente pelo contexto da Incubadora, as relações sociais tecidas neste espaço social, além das relações que envolvem os 13 Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) nos quais a Incubadora atua.

Frente ao exposto acima recorreremos a análise de discurso, em que é possível enfocar no contexto do texto, pois, o próprio é a maneira como os sujeitos se expressam em seus mundos vividos, isto é, as fala e textos são práticas sociais (GILL, 2002).

A Incubadora possui aproximadamente quarenta pessoas, de diversas áreas de atuação e que contribuíram de maneiras distintas para o entendimento sobre a temática, a partir da experiência do trabalho na IESol. No total, 20 integrantes da Incubadora participaram do questionário online (via Google Formulários), que consistia em 9 perguntas, entre objetivas e subjetivas. É relevante destacar que além da influência da formação dos participantes da pesquisa, o tempo de atuação na IESol e o entendimento que possuem sobre ECOSOL influenciaram nas respostas. Foram realizadas perguntas básicas como quanto tempo estava atuando na Incubadora, conforme apresentado abaixo.

Também indagamos qual a formação dos participantes do questionário. Foram diversas formações, como Geografia, Serviço Social, História, Jornalismo, Engenharia Civil, de Alimentos e Materiais, Psicologia, Direito, Economia, Sociologia, Cinema e Design de Moda.

A primeira pergunta do questionário foi: **“O que você entende por cultura?”**. Foram muitas respostas e mesmo com formações distintas, muitas delas foram semelhantes e revelaram entendimentos em comum sobre o conceito de cultura.

As ideias mais comuns respondidas sobre o conceito de cultura foram identidade, etnia, nação, crença, tradição, hábitos, valores, comportamentos, costumes, manifestações simbólicas e materiais, experiências, formas de pensar e agir, interações e práticas sociais de grupos, vivências. Ficou claro que a cultura é uma construção social, porque de acordo com os participantes “é absorvida, questionada, modificada e reproduzida pelos indivíduos”, sendo um “conjunto de ações sociais, políticas e econômicas que são (re)passadas socialmente”. Além disso, possui uma dimensão simbólica concreta, representada a partir das “produções linguísticas, mitológicas, artísticas, culinárias, conhecimentos, costumes e hábitos de um povo”.

As respostas foram diversas, o que mostra a amplitude do conceito de cultura. De maneira geral, cultura pode ser entendida como soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, sendo importante componente das relações entre homem e meio, e nas relações sociais. Carregada de uma dimensão simbólica, a cultura é constituída de signos que remetem a construção da identidade, sendo ainda um importante fator de diferenciação social (CLAVALL, 2001).

A segunda pergunta do questionário indagou: **“O que você entende por cultura solidária?”**. Comumente as respostas foram “solidariedade”, “solidariedade mútua”, “bem-estar de todos”, “agir com solidariedade”. Neste aspecto, foram muitas respostas diferenciadas, o que revela novamente a amplitude do termo “cultura” e como o termo “cultura solidária” ainda não tem uma definição tão clara. Foram citadas ainda a cultura solidária como “forma de viver onde os produtos e relações geradas pelo indivíduo são voltadas para promover um meio social e econômico baseado na solidariedade mútua,

aplicando-se inclusive nas estratégias de sobrevivência coletiva”, sendo “baseada em princípios de solidariedade, onde os indivíduos partilham da mesma questão, interagindo entre si em um espaço para o bem estar de todos é essencial”.

Sobre esta pergunta, ainda foram citadas questões como “rompimento com o paradigma capitalista”, “uma nova proposta de cultura”, “consciência de pertencimento de um todo”. Além destas respostas, foi percebido que muitos compreendem cultura solidária com os mesmos conceitos de cultura citados anteriormente, contudo com alguns princípios da economia solidária, que respeita as diferenças, tem a valorização do ser humano como parte central das ações, leva em consideração a sustentabilidade em seus múltiplos aspectos.

Desta maneira, o conceito de cultura solidária construída pelos envolvidos no questionário leva em consideração formas de relacionar e agir solidários, sendo altruísta, compartilhar com o próximo, priorizando aspectos sociais, pautada em valores solidários e democráticos. Sintetizando a ideia e mostrando tanto a cultura como a cultura solidária como construções, destacamos a seguinte resposta:

“É o modo de agir e interagir da sociedade, considerando sempre o outro como parte desse processo. Agir com solidariedade, saber que uma atitude minha pode afetar outra pessoa, ou várias pessoas. A construção de uma cultura solidária passa pelo ambiente familiar, na forma como os pais irão preparar seus filhos para conviver em sociedade. Passa pelo ambiente escolar, com a inclusão de valores como respeito ao próximo, diálogo, cooperação, inclusão das diferenças, na educação formação formal. É preciso reverter os efeitos perversos do capital, com a construção de um novo modelo de sociedade, que substitua valores como individualismo, competitividade, egoísmo, por valores como cooperação, respeito, solidariedade.” (Entrevistado/a , 2015).

Prosseguindo com o questionário, a terceira pergunta indagou ao participante se o mesmo acredita que o **ambiente (espaço social) da Incubadora proporciona a construção de uma “cultura solidária”**, baseada no que os participantes entendiam sobre o conceito respondido anteriormente. Tal pergunta se mostrou relevante porque acreditamos que a construção de uma “cultura solidária” pressupõe a existência de um espaço que privilegie o debate e as múltiplas formas de agir solidários. Sobre isto, dos 20 entrevistados, 60% acreditam que “sim”, o espaço social da Incubadora proporciona a construção de uma “cultura solidária” e 40% acreditam que “às vezes”. Na sequência desta pergunta, solicitamos que os participantes justificassem a resposta anterior. As respostas dessa pergunta mostram-se variadas, sendo que algumas são questionáveis quanto ao que se refere à prática e à teoria da cultura solidária.

A maioria das justificativas para a respostas de que “às vezes” a incubadora proporciona a construção de uma cultura solidária foram declaradas como: “influência

limitante dos valores e da visão do mundo capitalista” - relacionada à questão do sistema capitalista influenciar na construção de uma cultura solidária, visto que fora da Incubadora, nosso cotidiano é permeado por uma cultura individualista, “a não divisão espontânea de tarefas em uma reunião de planejamento de um grupo”. Destacamos, entretanto, a seguinte resposta que manifesta a crítica em relação à prática da cultura solidária no espaço social da IESol:

“A solidariedade está mais presente nas relações pessoais, entre colegas e especialmente entre amigos. No trabalho ainda são raras as expressões de uma outra cultura. Exemplo: cada um executa suas ações, e são muito raras as atitudes de solidariedade voluntária para auxiliar outros que estão com sobrecarga de trabalho. Não presencio falas como "quer ajuda?" ou mesmo ações de interrupção de certos trabalhos para auxiliar algo mais urgente. Salvo em chamadas para mutirões, no cotidiano do trabalho impera o individualismo e a divisão de tarefas, lamentavelmente. A autogestão aparece mais nas discussões do que no trabalho. (Entrevistado/a, 2015)

Percebemos que as justificativas para as respostas “sim”, na grande maioria, aclamam que a construção da cultura solidária é um grande “desafio”, mesmo com “atitudes e práticas coletivas”, “compreensão”, “diálogo” e “participação”. Ainda sobre a importância da participação dentro da Incubadora, um/ entrevistado/a afirma que:

“Essa é minha resposta por compreender que a IESol é um espaço ímpar na construção de uma "cultura solidária". Haja vista o número de discussões que temos no sentido de refletir sobre a subjetividade do ser humano e sua importância, bem como a necessidade da construção da solidariedade nos diversos espaços que estamos inseridos. No entanto, essa construção tem sérias limitações impostas pela a forma de organização hegemônica da sociedade. Não há como negar a influência limitante dos valores e da visão de mundo capitalista, tanto quanto as limitações de ordem material. Por isso, a construção da cultura solidária se apresenta como um desafio cotidiano para a IESol, a ser lapidado todos os dias por meio das auto-avaliações e os conselhos de autogestão”. (Entrevistado, 2015)

Os participantes ainda citaram o Conselho de Autogestão (CA), que acontece quinzenalmente às quintas-feiras como um importante espaço de construção de uma cultura solidária, tendo em vista que neste espaço todos os integrantes da IESol podem participar, expondo suas ideias, opiniões, críticas, que envolvem todo o cotidiano da IESol e dos empreendimentos que trabalhamos. Foram citados ainda o clube de trocas, a feira solidária, momentos de conversa, mutirões realizados como meios de construção de uma cultura solidária na IESol.

A quarta pergunta questionou: **“Ao iniciar o trabalho na IESol, qual impacto mais significativo nas suas práticas cotidianas, tanto no contexto da Incubadora, quanto fora dela?”**. Foram citadas “menos individualista”, “participação nas decisões”, “ouvir mais”, “autogestão”, “peso da responsabilidade”, “práticas cotidianas como ato político”, “minha solidariedade melhorou”, “conviver com as diferenças”, “respeitar e valorizar ainda mais as

peças”, “coragem propositiva”, “maior atenção a hábitos de consumo”. Muitas respostas citadas revelam que os princípios da ECOSOL adentram (aculturação) tanto no cotidiano da Incubadora, quanto fora dela. De maneira que, os impactos citados nas respostas demonstram importantes passos iniciais para construção de uma forma de vida mais solidária, o que é um desafio no contexto de sociedade que vivemos atualmente. Conforme Oliveira (2005, p. 34) “falar em Cultura Solidária é falar em dificuldade. Isto porque nós vivemos em uma sociedade em que o que prevalece é a competição na maior parte dos casos e na multiplicidade das variadas formas de interações sociais”.

Contudo, algumas respostas afirmaram que não houveram mudanças nos hábitos, nem impactos significativamente positivos para relatar, nos levar a refletir que “nível” de espaço social solidário estamos promovendo na IESol, bem como, se as práticas internas da incubadora realmente se diferenciam por serem mais solidárias.

De maneira geral, foi possível perceber que o trabalho na Incubadora proporciona aos integrantes um novo olhar sobre o mundo e sobre as outras pessoas, buscando respeitar as diferenças e expor suas opiniões, ao mesmo tempo que em se busca a construção de novas formas de relações baseadas na solidariedade.

Sobre a questão das diferenças na Incubadora, citadas de forma recorrentes nas perguntas anteriores, na quinta pergunta do questionário, levantamos a seguinte pergunta: **“Como convive com as diferenças dentro da Incubadora?”**. Este questionamento é importante justamente porque na perspectiva que temos sobre o conceito de cultura e cultura solidária, pressupõe compreender e conviver com as diferenças, especialmente baseado na solidariedade entre as pessoas.

Nesta pergunta foram levantadas questões como “as diferenças como fatores de enriquecimento das experiências”, respeito, compreensão, tolerância, empatia, “desafio permanente”, “se colocar no lugar do outro”.

Na sequência, indagamos aos participantes sobre a questão da comunicação na Incubadora, isto porque acreditamos que a comunicação, seja verbal, escrita, midiática, é importante para a construção, consolidação e transferência de manifestações culturais, dentre elas as solidárias. A pergunta indagou: **Você acredita que as formas de comunicação na Incubadora são eficazes? Cite exemplos.”**.

Na IESol temos diversos canais de comunicação. E-mails, nuvem/clouds (via Google Drive) e Whatsapp são as mais comuns e que foram citados pelos participantes do questionário, onde alguns interpretaram a questão da comunicação a partir dos meios de comunicação, como os citados anteriormente, e outros compreenderam a comunicação como

relacionada às questões interpessoais. De qualquer maneira, a proposta de se levantar a questão da comunicação justifica-se pela citação apresentada anteriormente, onde pensamos que a cultura é transmitida a partir da comunicação.

Sobre este assunto, grande parte acredita que as formas de comunicação na IESol são eficazes, mas com ressalvas. Foram citadas problemas como “apropriação destas formas de comunicação”, “fluxo de emails é alto”, “comunicação por emails não tem sido eficaz”, onde alguns acreditam que há necessidade de melhoria da comunicação na IESol. Outros citaram as reuniões do CA e dos grupos como importantes formas de comunicação da Incubadora.

A primeira rodada de perguntas ficou restrita sobre a cultura solidária dentro do contexto da Incubadora. Os questionamentos seguintes foram a percepção que os integrantes da IESol possuem sobre a construção de uma cultura solidária no Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) em que a Incubadora atua.

Neste sentido, a pergunta número 7 questionou: **“Nos trabalhos com os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), em sua opinião, qual o desafio em discutir a solidariedade?”**.

Um dos participantes da Incubadora afirmou que:

“Acredito que a maior dificuldade em trabalhar essa temática, assim como a autogestão, é que é um tema bem amplo e, portanto, com diferentes interpretações. Quando falamos em ‘ser solidários’ num modelo social que nos molda uma individualidade selvagem, a dificuldade está no rompimento estrutural da prática cotidiana e isso demanda, além de tempo, auto avaliação”(Entrevistado, 2015).

Outro participante afirma que o desafio em discutir a solidariedade nos EES é no sentido de:

“Desconstruir toda a carga de paradigmas e preconceitos que os indivíduos trazem das suas experiências anteriores em meios sociais que na maioria das vezes não promovem a cultura solidária. Embora, em alguns casos, alguns indivíduos nos empreendimentos venham de meios que são essencialmente solidários, existe uma dificuldade em se transpor a solidariedade nas relações econômicas do empreendimento frente ao mercado capitalista, o que algumas vezes reflete também na dinâmica interna do empreendimento”(Entrevistado, 2015).

Outros citaram que os trabalhadores e trabalhadoras dos empreendimentos compreendem o que é solidariedade, mas por vezes a partir de um conceito banalizado e há dificuldade em transpor para outras esferas da vida, além da ECOSOL.

A seguinte indagação questionou como os **integrantes da IESol percebem a construção da cultura nos espaços coletivos dos EES**. Foram citados os laços de amizade, uma construção lenta e gradual, a partir de comportamentos, atividades e debates cotidianos e

coletivos, onde há diversidades, riquezas e especificidades. Um entrevistado afirmou que “Nos empreendimentos que acompanho, a construção de modo agir que favoreça a coletividade, é permeada de conflitos, ruídos de comunicação, mas também de muita luta e persistência diante das adversidades da própria realidade do grupo e, principalmente, diante dos efeitos perversos do capital”.

A última pergunta do questionário consistiu em apresentar quais as experiências do **fazer e agir solidários são mais visíveis nos EES**. Este questionamento é importante, visto que o trabalho com os empreendimentos acontece semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente, sendo as poucas oportunidades em que podemos presenciar atos solidários nos grupos, embora compreendemos que a cultura solidária deve ultrapassar o espaço do empreendimento, e ser vivenciada em todas as esferas do cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras dos EES.

Neste último ponto, os participantes afirmam que percebem o fazer e agir solidários nos EES a partir da comunicação dos membros e a participação coletiva em reuniões, a preocupação com os outros, seja problemas dificuldades ou problemas pessoais ou no trabalho, na amizade, compreensão, autogestão no trabalho, ajuda financeira, entre outras questões.

Considerações finais

Compreendemos que a temática solidariedade deve ser tratada de maneira transversal, por diferentes áreas de conhecimento, já que tem a ver com o modo de ver o mundo e a vida, sendo uma relação inter-humana fundamentada na alteridade, que pressupõe o reconhecimento do/a outro/a na diferença e singularidades, atributos da alteridade.

Ressalta-se a valorização do ser humano, agente construtor de ideias e ideais que norteiem um caminho em prol de uma melhor qualidade de vida, a qual tange a representação de cultura de uma sociedade pautada nos princípios da economia solidária. Assim, é de primazia ter sensibilidade solidária para compreender uma realidade de cultura que passa despercebida, quando não analisada horizontalmente.

Consideramos a rotatividade de indivíduos que trabalham na IESol como um fator influenciante na representação de uma realidade total do que é compreendido enquanto cultura solidária. Isto porque a adaptação ao meio ocorre de maneira lenta e gradual, tendo em vista que, em grande parte, os novos participantes chegam com pouca ou nenhuma experiência sobre economia solidária e, quando adquirem um melhor aperfeiçoamento no

assunto, deparam-se com o término de contrato, quebrando vínculos existentes na esfera da Incubadora.

À partir das respostas percebe-se que a cultura solidária está sustentada pela concepção de cultura e respaldada nos princípios da economia solidária, em que o princípio de solidariedade é o anto das relações.

Na cultura solidária há ambivalência entre o ‘eu’ e o ‘outro’. Temos que encará-los como objetos ajudantes e não opositores, pois o respeito que há entre eles é o que irá consolidar a solidariedade. O ‘eu’ não pode apagar o ‘outro’ e vice-versa.

Referências

ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2000.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Cultura Solidária, um aprendizado sem fim. In: MELLO, Sylvia Leser de. (Org.). **Economia Solidária e Autogestão: encontros internacionais**. São Paulo: PW, 2005, p.34-40.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Cultura Solidária em Cooperativas. Projetos coletivos de mudança de vida**. São Paulo: EdUSP, 2006.

SERON, Paulo Cesar. Cultura solidária. **Revista de Psicologia** da UNESP, 7(1), 2008, p. 70-85.

SINGER, Paul. **Desenvolvendo confiança e solidariedade: as instituições necessárias**. Brasil em Desenvolvimento, Ciclo de Seminários, 2003. Disponível em <http://www.ie.ufrj.br/desenvolvimento/pdfs/desenvolvendo_confianca_e_solidariedade_as_instituicoes_necessarias.pdf> Acesso 27 abril 2015.